

NA MORTE DE PIERRE BOURDIEU, Um agradecimento breve

José Madureira Pinto*

Nos trinta e tantos anos que já levo de enamoramento e convívio profissional com a sociologia, tive sempre por perto as obras e a presença tutelar de Pierre Bourdieu

Por isso, apesar de as oportunidades de contacto pessoal com ele se terem reduzido a escassos minutos e parca correspondência, a notícia desta morte deixou-me tão abalado quão abalado há-de ficar o atleta compulsivo a quem anunciem, bruscamente, que perdeu o treinador

Acredito que o próprio Pierre Bourdieu, posto perante os indícios de semelhante perturbação, arriscasse que esta última, a existir de facto, haveria de ser incidental e fugaz: desde que o atleta seja maduro e disciplinado, diria ele, não será tanto a voz do treinador, mas a incorporação do método de treino, além do treino em si mesmo, a garantirem a continuidade da performance

Deparei-me, pela primeira vez, com o trabalho de Pierre Bourdieu no ano de 1970, lendo e discutindo militantemente, como então se fazia no Gabinete de Investigações Sociais, *Le métier de sociologue* – livro que publicara, cerca de um ano antes, na companhia de Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron

Para um jovem munido de uma formação universitária em Economia e com um entusiasmo pela interrogação sociológica construído, fora das actividades curriculares, em contacto disperso e tateante com as obras de um Gurvitch e um Lefebvre, Myrdal e FH Cardoso, Marx e Marcuse, Armando Castro ou Sedas Nunes, essa leitura do *Métier* teve o efeito singular e, ver-se-ia depois, duradouro de uma experiência iniciática

A ideia, longamente desenvolvida e profusamente ilustrada na I Parte do livro, segundo a qual os factos científicos são conquistados contra a ilusão do

* Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

saber imediato permitia-me avaliar retrospectivamente até que ponto eram frágeis tantos modelos e pressupostos analíticos da Economia com que me habituara a lidar de consciência tranquila

Não mais pude olhar para qualquer quadro de dupla entrada cruzando informação elementar sobre grandezas económicas ou outros factos sociais, sem deixar de me obrigar a alguns decisivos passos à rectaguarda: devo tomar os nomes do quadro pelo seu valor facial e dizer que são «dados» os números que contém?; não terão sido as rotinas da percepção corrente, mais do que as sugestões consolidadas da teoria, a imporem-me, através do quadro, um certo olhar sobre as coisas?; que informação sobre o mundo teria eu obtido, se fosse outro o código utilizado para o ler?

Se, neste movimento de distanciação face a evidências consagradas pela limpidez dos números, é todo um processo catártico de afastamento em relação às malhas do empirismo que está em causa, já a crítica aos excessos e artifícios da formalização, nomeadamente matemática, de certos modelos científicos permitia-me revisitar, sem temores reverenciais descabidos, belas construções da teoria económica assentes nos pés de barro da cláusula *ceteris paribus* ou da figura emblemática, mas epistemologicamente fruste, do *homo economicus*

Por detrás da crítica ao formalismo, emergia já no *Métier*, embora com tons ainda imprecisos, a denúncia de uma outra limitação imposta ao conhecimento organizado em «comunidades científicas», que só posteriormente, e de forma superior em *Méditations pascaliennes*, viria a ter tratamento aprofundado na obra de Pierre Bourdieu – a propensão escolástica. É uma preocupação cujo amadurecimento talvez explique, em boa parte, a «explosão» de intervencionismo político do cáustico e amargurado observador de *la Misère du monde*, nos últimos anos de vida

A II Parte do *Métier* incide sobre o processo de construção de objectos científicos, desde a sua problematização e modelização teórica, até às mais elementares, mas nem por isso neutrais, operações de recolha de informação empírica. E se, aqui, o momento de afirmação do primado da teoria em relação aos procedimentos técnicos da observação constitui elemento-chave da mensagem, outro ponto, menos comentado, vinha desafiar os cânones metodológicos convencionais da sociologia. Escrevia-se na página 71: «Não foram retiradas

todas as consequências metodológicas do facto de as técnicas mais clássicas da sociologia empírica estarem condenadas, pela sua própria natureza, a criar situações de experimentação fictícia essencialmente diferentes das experimentações sociais que o desenrolar da vida social continuamente produz». Estava lançado um desafio fundamental à consciência metodológica dos sociólogos de terreno: o de levar a sério, nas humildes, mas sempre delicadas, tarefas de recolha de informação, o facto de a relação de observação sociológica ser, ela própria, uma relação social – portanto, sociologicamente objectivável, como qualquer outra

Entrevia-se aqui um discreto movimento inserido num cerco teórico de alcance mais vasto dirigido à objectivação das lógicas do mercado de trocas simbólico-culturais, permeado, como todos os outros mercados, por relações de poder, cuja força específica reside, entretanto, antes de mais, na circunstância de, precisamente, a si mesmas se dissimularem e serem denegadas como relações de força

Produção da «opinião pública», construção das disposições estéticas e do gosto, hierarquização social dos géneros artísticos, imposição de arbitrários sociais através da acção pedagógica (vista ela própria como exercício eufemizado de violência simbólica), acumulação e legitimação do prestígio e autoridade no campo científico, eis alguns dos processos sociais que Pierre Bourdieu ia desvendando e circunscrevendo com a sistematicidade e grau de fundamentação só ao alcance de autênticos programas de investigação

No *Esquisse d'une théorie de la pratique*, livro que consagra uma verdadeira ruptura teórica relativamente aos paradigmas sociológicos dominantes nos primeiros anos da década de setenta – e que, talvez por isso, me pareceu, às duas primeiras tentativas de leitura, um livro quase incompreensível, e, à terceira, um turbilhão de ideias capaz de me sufocar ou então de me mudar para sempre a respiração e a vida –, Bourdieu propõe-se elaborar uma teoria da prática *enquanto tal*. Duas orientações fundamentais estão aqui em causa: a primeira conduz à recusa de uma concepção de prática que a encare como mera execução pelos agentes sociais de modelos preexistentes (quer os construídos por objectivação teórica, quer os que alegadamente estão cristalizados em sistemas normativos supraindividuais); a segunda implica colocar no centro das preocupações teóricas da sociologia o princípio de produção das práticas («mode de

génération des pratiques»), sem com isso reabilitar acriticamente o sentido subjectivo que a vivência prática (da prática) envolve e promove. Modo de conhecimento praxeológico, disse ele, antes de partir para uma caminhada sociológica sem paralelo em toda a história da disciplina.

Sem paralelo, porquê?

Porque, em primeiro lugar, aliou sempre a ousadia teórico-conceptual à prudência das observações metódicas sobre o real, recusando-se a repousar na coerência formal de propostas interpretativas de longo alcance, para, pelo contrário, as desafiar permanentemente através da pesquisa sistemática sobre situações concretas.

Assim, este incansável «trabalhador da prova» (como diria Bachelard) não se limitou, por exemplo, a formular uma teoria geral sobre os fundamentos sociais e classistas do gosto e da percepção estética – quis ir, com minúcia comparável à do etnólogo de terreno, à procura de indícios empíricos credíveis dos estilos de vida, das afinidades (s)electivas, das estratégias de distinção com que se constroem identidades e subtis barreiras sociais. Também não se contentou em teorizar a génese das hierarquias e lutas do campo académico, desertando na primeira oportunidade – fez questão, isso sim, de gastar abundantemente tempo e energias em recolhas estatísticas e documentais capazes de confirmar ou pôr em suspenso meras suspeitas teóricas sobre os modos como actores individuais e institucionais ganham, perdem, usam e encobrem a sua força no mundo social «à parte» que é a vida académica. Não se restringiu, enquanto sociólogo da cultura, à fixação conceptual de algumas regras do campo artístico, misturando-a com breves ilustrações – bem pelo contrário, procurou, a propósito de obras tão complexas como a de Flaubert ou Manet, concentrar informação empírica adequada a pensar, sem preconceitos nem sacralizações, como se geram e legitimam as revoluções estéticas. Não quis ficar pela enunciação teórica dos factores e traços estruturais da nova questão social – tratou, sim, de mobilizar e afinar as técnicas convencionais da entrevista para ouvir mais de perto e compreender melhor as estranhas vibrações do sofrimento humano. Não parou quando, a propósito das estruturas sociais da economia, sugeriu que a sociologia e a ciência económica têm objectos sobreponíveis – empenhou-se, ao contrário, em justificar tal ideia, analisando, com técnicas sofisticadas de recolha e tratamento de informação, as lógicas económico-sim-

bólicas que sustentam a compra de casa individual no contexto do mercado imobiliário francês Etc.

Caminhada sociológica sem paralelo porque, por outro lado, nunca deixou de ser exercício de reflexividade sobre si própria

Não hesitando Pierre Bourdieu em reconhecer que as ciências, em geral, e as ciências sociais, em particular, são práticas submetidas incontornavelmente a determinações sociais específicas (que, em certas circunstâncias, aliás, como que as compelem à objectividade), a verdade é que toda a sua obra é pontuada pela obsessão da autocrítica epistemológica conduzida com os instrumentos das ciências sociais O exercício de análise sociológica do ponto de vista e do *modus operandi* da sociologia é condição necessária do avanço científico neste domínio – deve, pois, ser incorporado, em lugar central, no *habitus* profissional dos sociólogos

Caminhada sociológica sem paralelo, finalmente, porque não receou cruzar argumentos e conjugar forças com os movimentos políticos de contestação da ordem capitalista na última década do século passado.

Para muitos, Pierre Bourdieu ter-se-á transformado, então, numa espécie de guerreiro em contraciclo, já que, quando tudo aconselhava a que repousasse, se desdobrou, com intrigante energia, em intervenções cívicas e políticas as mais diversas Não faltou, aliás, quem visse nesta irrupção do sociólogo no espaço público o reflexo tardio de antigos ressentimentos ou recalçadas ambições de poder

Aos que se surpreenderam com o radicalismo das propostas políticas de Pierre Bourdieu nesta fase, apetece dizer que, relativamente ao programa político implícito em toda a sua obra (esse, sim, um programa de democratização social radical), o sociólogo mais não fez do que defender umas tantas medidas de emergência, visando a auto-defesa colectiva e individual contra os efeitos mais ou menos ostensivos das políticas neo (ultra)liberais, nomeadamente as que configura(va)m uma ameaça séria ao património de direitos e garantias sociais do Estado-providência Não deixa de ser sintomático que, no alinhamento dos seus «contrafogos», se incluía uma menção entusiástica à surpreendente capacidade de organização e reacção («milagre social», chamou-lhe ele) dos desempregados O sociólogo do poder simbólico sabia que, adjacente ao movimento de liberalização *à outrance* dos mercados de capitais, de

bens e serviços e de força de trabalho se desenvolvem, entre os mais frágeis dos dominados, insidiosos processos de erosão de solidariedades e de vínculos identitários indispensáveis à mobilização colectiva em legítima defesa. Constatando que, afinal, a resistência à força bruta das coisas e a vontade de mudar as coisas podem emergir, mesmo entre os que, conjunturalmente, mais submetidos estão à expropriação dos instrumentos de expressão do descontentamento, Pierre Bourdieu encontra razões para algum optimismo, se não mesmo para a reformulação de algumas das suas propostas teóricas sobre o processo de reprodução social

Em *Science de la science et réflexivité*, livro dado à estampa pouco antes da sua morte, Pierre Bourdieu oferece-nos, para além de uma exposição, em tom inesperadamente didáctico, sobre as principais correntes teóricas da sociologia das ciências e de considerações preciosas sobre os efeitos epistemológicos ao seu alcance, uma impressionante proposta de análise sociológica sobre Pierre Bourdieu

Convocando informações sobre o seu percurso pessoal, escolar e científico, o sociólogo em fim de carreira dirige sem complacências para si próprio os instrumentos de objectivação sociológica – «Esquisse pour une auto-analyse».

Para os que sempre acharam haver incompatibilidade entre a teoria da prática, alegadamente estruturalista e agenciofóbica, e a restituição de singularidades sociais, esta incursão auto-socioanalítica de Pierre Bourdieu deveria obrigar a alguma reflexão. Talvez tenha de se reconhecer, lendo estas páginas, que, para analisar sociologicamente o indivíduo, corpo socializado em trânsito no espaço social, não é indispensável, nem conveniente ceder a qualquer das variantes do individualismo metodológico. A análise dos particularismos individuais (o indivíduo como «variável dependente»), ambição legítima de uma ciência dos factos sociais, pode e deve prescindir de uma busca de qualidades essenciais «únicas», alegadamente depositadas no ser individual (indivíduo como «variável independente»)

Aliás, não foi Norbert Elias – sociólogo tão respeitado, invocado e divulgado por Pierre Bourdieu – que, a propósito do singular Mozart, fez questão de nos oferecer uma sociologia (configuracional) de um génio?